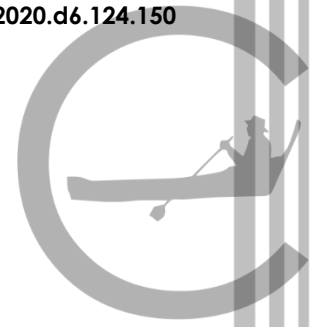


# AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS DOCENTES ACERCA DE SEUS ALUNOS CAIÇARAS



Vitor Paulo Fida da Gama<sup>1</sup>

## Resumo

Os nativos dessa comunidade caiçara ainda preservam grande parte dos costumes, modos de vida, linguagem, atividades pesqueiras, extrativismo vegetal e agricultura familiar, mesmo diante das adversidades às quais estão sujeitos e que são provocadas, em parte, pelas políticas adotadas contrárias às práticas cotidianas do caiçara. Nesse contexto, a escola pública municipal da Vila de Pincinguaba lança suas redes para mesclar os conhecimentos curriculares aos conhecimentos da comunidade tradicional. Assim, nosso artigo apresenta, por meio das análises das narrativas e dos desenhos confeccionados pelas professoras, as representações sociais acerca dos seus alunos caiçaras, evidenciando a relação simbiótica entre o homem e a natureza.

**Palavras-chave:** Representações Sociais; Docentes e Alunos; Saberes Caiçaras.

## Abstract

The natives of this Caiçara community still preserve most of the customs, ways of life, language, fishing activities, vegetal extraction and family farming, even in the face of the adversities to which they are subjected and which are caused, in part, by the policies adopted contrary to daily practices of caiçara. In this context, the municipal public school of Vila de Pincinguaba launches its networks to merge curricular knowledge with the knowledge of the traditional community. Thus, our article presents, through the analysis of the narratives and drawings made by the teachers, the social representations about their caiçaras students, showing the symbiotic relationship between man and nature.

**Keywords:** Social Representations; Teachers and Students; Caiçaras Knowledges.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade de Taubaté-SP (Unitau). Professor da rede estadual de ensino de São Paulo. E-mail: [profvitorgama@gmail.com](mailto:profvitorgama@gmail.com)



## **Introdução**

Propusemos aqui neste artigo, um recorte da pesquisa de mestrado que foi realizada em uma pequena escola pública municipal, localizada à beira mar, na Vila de Pescadores de Picinguaba, na cidade de Ubatuba, litoral norte de São Paulo, refletir, por meio da iconografia e trechos das entrevistas coletadas, acerca das representações sociais das professoras que lecionam na escola em referência aos seus alunos caiçaras. Entre histórias e imagens, pudemos perceber que representar o aluno caiçara é buscar conhecer o sujeito em seu lugar de pertencimento, sua comunidade, seu grupo social. Dessa forma, não há como tratar do aluno caiçara sem considerar a beira da praia, os ranchos para guardar as canoas e redes de pesca, a movimentação das marés, a chegada esperada dos barcos e seus pescadores. Nesse contexto, rico em saberes sociais, a escola está ali, pertinho da água do mar, com as janelas das salas de aula voltadas para a praia, recebendo a brisa dos ventos que sopram, o som das ondas, o cheiro de mar.

Durante toda pesquisa, conhecemos nativos, observamos os modos de vida do caiçara, acompanhamos o trabalho diário das professoras na escola. Ouvimos histórias das mais variadas, as quais, compartilharemos um pouco aqui. Vale ressaltar que nosso foco eram as narrativas das docentes a respeito dos seus alunos caiçaras, sendo assim, antes de mais nada, é indispensável deixar claro que utilizamos três instrumentos na pesquisa: a observação, a entrevista semiestruturada e a iconografia. Após a entrevista, as professoras recebiam uma folha A3, lápis de cor, canetas, réguas, giz de cera, além é claro, dos materiais que cada uma delas trazia para a sala. De posse de todo esse material, receberam a instrução de desenhar seu aluno caiçara, sua escola, a praia e a si mesma. São esses desenhos que analisamos e mostramos nesse artigo.

### **Costurando redes na praia – núcleo figurativo do aluno caiçara**

Como tratamos de representações sociais, de forma breve, porém com a atenção necessária, devemos saber que as representações sociais são conhecimentos de ordem prática que visam tornar conhecido o que antes era desconhecido, ou seja, como os sujeitos formam pontos de vista, crenças, opiniões sobre os objetos observados nas interações sociais, com o intuito de poder se posicionar a respeito daquilo que representam. Na elaboração das representações sociais, a objetivação e ancoragem assumem integrante parte fundamental do organismo de construção ou desconstrução das representações. Ao internalizar o que antes era ignorado, busca-se aproximar, naturalizar, classificar e nomear o objeto, tornando-o revelado, sabido e real.



Nessa procura por conhecer o desconhecido, as professoras que participaram da pesquisa, buscaram seus repertórios, vivências, histórias de vida, valores, crenças e atitudes, uma maneira de representar seus alunos, dar a eles uma imagem que os aproximasse daquilo que já é parte da coletânea dos saberes acumulados por elas. Ora, lecionar em uma escola com tamanha particularidade, à priori, pode gerar uma insegurança em como agir, tratar, dialogar. Uma comunidade caiçara não pode ser definida somente pela sua geografia, embora o espaço assume relevância ímpar na identidade desse grupo social. O modo de vida, a linguagem, os saberes práticos, as crenças e demais características do caiçara abarcam sua identidade.

Logo, ao representarem seus alunos, aproximam-se o que estava somente no campo das ideias para algo concreto, real, palpável. Dá-se uma forma, uma imagem ao objeto social, processo esse, que Moscovici chamou de objetivação, e que “permite tornar real um esquema conceitual e substituir uma imagem por sua contrapartida material.”<sup>2</sup>

As professoras ao responderem as indagações solicitadas, prontamente, procuraram, por meio de palavras e imagens, classificar e tornar visível seu aluno caiçara, representando-o de maneira que ele se converta no que, para elas, possa ser real, conhecido e compartilhado com os outros. Para isso, escolhem as palavras de acordo com o que supostamente sabem sobre o objeto perguntado. Não necessariamente, as palavras escolhidas estejam amparadas em teorias científicas, vindas do universo reificado. No entanto, tais vocábulos, selecionados e pensados anteriormente à fala, mesclam-se com as mais variadas vertentes do que possam conhecer acerca de seus alunos caiçaras, representando-os. Nesse ponto, alguns dos vocábulos se repetem e essa repetição não é aleatória ou desvinculada do contexto social, lugar de interação entre os sujeitos, mas é, por meio desse processo, que “ao penetrar no meio social como expressão do real, o modelo figurativo se torna então natural, utilizando como se fosse copiado diretamente dessa realidade.”

Percebe-se assim, decerto que as narrativas apresentam atributos os quais, segundo as participantes, compõem a representação do sujeito-aluno-caiçara como sendo “alunos que gostam muito de pescar, de conviver com a natureza.”, característica apresentada pela professora Orquídea<sup>3</sup> ao representá-los. Também a professora Bromélia chama a atenção para o conhecimento popular de seu aluno caiçara relacionado à pesca.

---

<sup>2</sup> MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

<sup>3</sup> Participaram da pesquisa, as cinco professoras da escola, com o intuito de garantir a privacidade delas, substituímos seus nomes por nomes de plantas e flores nativas da Mata Atlântica.



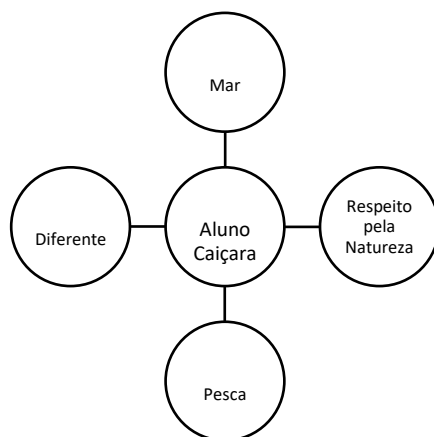
Para ela seu aluno partilha dos saberes do fazer e compartilha o que sabe com os demais, sem, com isso, deixar de ser criança. Em sala de aula, ela afirma que seu aluno caiçara “fala do pescar” com muita propriedade.

Para Moscovici objetivar a representação social pode se dar por meio de “genótipos semânticos”, ou seja, a combinação de palavras com o intuito de explicar o desconhecido e, assim, torná-lo real<sup>4</sup>. Com isso, para representar seu aluno caiçara, recorrem-se a vocábulos ligados ao mar, à pesca, sua simbiose com a natureza, sinais distintivos de outras comunidades diferentes, como pode ser observado na fala da professora Juçara: “Meu aluno vem descalço. Não quer ficar de chinelo, não quer ficar de tênis. Quer andar, quer falar com todo mundo que chega. Saber o que que tá fazendo aqui, quem é, porque tá no lugar deles.”

O fato narrado pela professora Juçara a respeito de seu aluno estar descalço remete, talvez, ao modo de vida simples do caiçara, que mesmo estando na escola, ele permanece em sua comunidade de pertença, sentindo-se “em casa”. A escola não é um espaço neutralizador, pelo contrário, é um lócus de conflito e convivência, onde a resistência é observada em gestos simples, como não ficar calçado só porque está na escola.

Partindo disso, podemos, quem sabe, propor um modelo figurativo do aluno caiçara, conforme as narrativas das professoras, ponderando a repetição de vocábulos ditos ao representar seu aluno caiçara, buscando, assim, naturalizar o que anteriormente era abstrato, tornando-se evidência e compondo a realidade, de acordo com que o tentamos mostrar na Figura 1.

**Figura 1 - Modelo Figurativo do aluno caiçara**



<sup>4</sup> MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.



Ao escolher os vocábulos e pela repetição dos termos nas narrativas das professoras, a objetivação e a ancoragem começam a dar forma e a nomear algo anteriormente desconhecido<sup>5</sup>. Como pode ser observado no modelo figurativo apresentado por nós, a linguagem utilizada para representar o aluno aproxima-o ao território ocupado pelo grupo. Dessa maneira, seu aluno é um sujeito morador da praia, que compartilha de um relacionamento íntimo com o mar e com os recursos naturais oferecidos pelo ambiente, diferenciando-o dos demais alunos de fora da comunidade. Este território, a Vila de Pescadores, possibilitou uma organização social distinta das demais sociedades existentes, identificados pelo modo de vida simples e pelo repertório de saberes do fazer, necessários para a sobrevivência do grupo social.<sup>6</sup> Ao mesmo tempo, as docentes afirmam que a abertura da comunidade caiçara para aquilo que está além de suas fronteiras físicas e simbólicas, como o turismo, atrai os olhos curiosos dos pequenos caiçaras que também representam o que veem. Tais influências externas são representadas por elas como uma possível “ameaça” ao acervo cultural dos caiçaras. Podemos observar isso, na narrativa da professora Helicônia:

Porque eu percebo que as crianças se perdem muito, eles ficam visualizando o outro, não consegue ter um fio condutor dele, entendeu, as crianças tão meio assim. Valoriza mais o que vem de fora e por outro lado, os que vem de fora valorizam o que tá aqui, mas também não sei se é de uma forma legal esse tipo de exploração. Até que ponto isso é legal?

Novamente o desconhecido, um dos motores para a elaboração das representações sociais, no caso da fala da professora, ocupa seu lugar. Para ela, a convivência do seu aluno caiçara com o turista e toda a “novidade” que esse sujeito representa, provoca nela, o receio que a cultura caiçara seja esvaziada pelo, possível, “encantamento” com os costumes e modo de vida dos centros urbanos. Isso tem provocado no grupo das professoras uma movimentação para que os saberes tradicionais adentrem no currículo, como estratégia de garantir que a identidade caiçara não se perca. Sobre os meios buscados para a aproximação do currículo aos saberes sociais da comunidade, trataremos mais adiante.

O interesse pelo “diferente” não é visto somente como um “perigo” para os alunos caiçaras. Na fala da professora Juçara, o fato de seu aluno frequentar a escola e se

---

<sup>5</sup> MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais e investigações em Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

<sup>6</sup> DIEGUES, Antônio C. (Org.); ARRUDA, Rinaldo S. V.; SILVA, Viviane C. F.; FIGOLS, Francisca A. B.; ANDRADE, Daniela. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2000.



interessar também pelos saberes valorizados no currículo oficial, diferentes dos saberes aprendidos com os membros de sua comunidade de pertença, demonstram que a curiosidade é essencial para dar significado para as atividades da escola, uma vez que eles “gostam de estudar, gostam de vir à escola, de ouvir história, desenhar, dividir, aprender coisa nova, montar quebra-cabeça. Coisas que, às vezes, não tem em casa, né.”

A comunidade tradicional caiçara de Ubatuba sempre esteve em convivência com o externo. A alteração no modo de vida dos nativos passou por diversas transformações na medida que antigas atividades agrícolas, estimuladas pelas fazendas produtoras de café e cana de açúcar entraram em decadência. O antigo nativo lavrador do sertão litorâneo foi modificando seu modo de vida com o intuito de se adaptar à nova organização social e econômica, descendo do sertão para a praia, diminuindo e alterando sua produção agrícola e aumentando e desenvolvendo sua capacidade de pesca que, por sua vez, também se modificou com a chegada do barco à motor e suas variantes<sup>7</sup>. A construção da estrada, que hoje liga o litoral sul ao estado do Rio de Janeiro, acelerou a comunicação e as relações entre nativos e não-nativos, mas não pode ser vista, à princípio, como uma ameaça aos caiçaras, visto que ainda ocupam seu território e comungam dos costumes tradicionais. O sujeito, seja e esteja onde estiver, se encontra em constante movimento e construção, adaptando e modificando às realidades sociais às quais está inserido. Angela Arruda sugere que o sujeito é “ativo e criativo, e não uma tábula rasa que recebe passivamente o que o mundo lhe oferece, como se a divisão entre ele e a realidade fosse um corte bem traçado.”<sup>8</sup>. Pode ser esta habilidade dos seus sujeitos-alunos que instiga esta preocupação das docentes.

A professora Bromélia evidenciou na entrevista que esta pluralidade presente nas relações sociais da Vila de Pescadores de Picinguaba pode ser encontrada também na sala de aula:

Tem alunos que moram no sertão da Cabeçuda, eu ainda não tive a oportunidade de conhecer, mas quero muito. Eles têm uma vida diferente dos alunos que estudam também nessa escola, na mesma sala e que vivem aqui na comunidade, aqui na Vila e são vivências particulares, diferentes modos de vida, leitura de mundo diferente e isso me encanta muito, muito.

Percebe-se nessa narrativa, que a diversidade social está presente dentro da escola, pois os alunos vêm de “outros lugares”, além da Vila de Pescadores. Como ela mesma se

<sup>7</sup> ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia, São Paulo, USP**, v. 43, n. 1, 2000

<sup>8</sup> ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadernos de Pesquisa, Rio de Janeiro**, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.



refere, o chamado “sertão”, fora da beira da praia, apresenta outros modos de vida, mais próximos da agricultura familiar, e, mesmo assim, são considerados caiçaras. A identidade caiçara, embora representada no modelo figurativo como sendo o nativo íntimo do mar, também foi representada por elas, como sendo o sujeito que respeita a natureza e os recursos que ela oferece. Nessa ótica, os nativos caiçaras do sertão que sobrevivem da agricultura familiar e do extrativismo vegetal como principal fonte de subsistência e manutenção de sua cultura, também assumem a mesma identidade, embora não morem na beira da praia ou vivam da pesca.

Assim, mesmo no discurso das entrevistadas, as características do caiçara são elencadas como um diferenciador de outros grupos sociais, uma das professoras afirma que não há diferenças entre os alunos da vila de pescadores e os alunos de outra comunidade. “Eu não vejo grandes diferenças não. Porque a comunidade que eu trabalho é uma comunidade rural, eles não são tão ligados a raiz caiçara, mas tem traços disso também.”<sup>9</sup>. Vale indicar aqui que essa aproximação narrada pela professora se refere ao fato de que, segundo Adams, o caiçara tem sua origem na cultura caipira. Para a autora, o mameluco paulista engloba o caipira do interior e o caiçara, sendo a agricultura de subsistência e seu modo simples de vida, o elo de ligação entre os dois grupos. Logo, há sim uma aproximação do aluno da comunidade rural com o aluno da comunidade caiçara, no entanto, a relação com o mar seria um diferenciador como grupo social<sup>10</sup>.

As formas diferentes de falar, de pensar, de agir, de trabalhar e conviver chamam a atenção por serem desconhecidas daquilo que a fronteira preservou. Nesse caso, a fronteira não se resume somente a geografia do território, mas também aos costumes e saberes, bem como os atos simbólicos de grupos sociais distintos. Estas peculiaridades do aluno caiçara apresentadas no modelo figurativo presentes no imaginário das professoras também compõem a representação que é dada a comunidade tradicional caiçara como um todo:

Eles entendem do tempo. Dizem que o tempo tá nublado, vai chover, ou que tem uma coisa diferente no mar, não tá bom para pesca. Esse conhecimento deles do vento, que o vento vem de tal posição, isso é um conhecimento acho que muito caiçara. A gente do urbano, a gente não tem muito esse conhecimento de ler o clima, de tempo, de perceber as temperaturas. Isso é próprio deles e eles sabem que dia eles vão pescar tal peixe, onde tá o cardume, porque que tem aquele cardume naquela posição.

---

<sup>9</sup> Professora Helicônia.

<sup>10</sup> ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia, São Paulo, USP**, v. 43, n. 1, 2000.



O fato das professoras representarem seus alunos caiçaras a partir dos costumes e saberes tradicionais pode reforçar a intenção delas de que ser caiçara é manifestar no cotidiano as peculiaridades do grupo de pertencimento que os diferencia das outras “sociedades” existentes. Há uma preocupação com a integração social de seus alunos caiçaras com outros sujeitos de fora da comunidade, mesmo quando observam que a escola e seu currículo também são diferentes, no entanto, neste caso, não são vistos como hostis por elas, pelo contrário, assumem uma posição privilegiada no sentido de apresentar novos caminhos e possibilidades para seus alunos caiçaras.

### **Como traços na areia da praia – imagens e realidade representada**

Antes de começarem a desenhar, houve uma pausa, talvez porque refletiam sobre o que falaram na entrevista e, ao mesmo tempo, buscando na memória afetiva a melhor forma de se expressar. Esta preocupação, com o produto do desenho, levou uma das docentes, a professora Helicônia, a pedir outra folha para fazer um rascunho do que pretendia mostrar, esta atitude pode ter sido uma maneira de garantir que sua representação fosse trazida nos mínimos detalhes, como pode ser visto na Figura 08 de sua autoria.

O tempo utilizado por cada docente variou bastante. Não estipulamos um prazo, posto que gostaríamos que elas pudessem pensar, sentir e se expressar sem que fossem interrompidas pelo tempo. Isso nos garantiria, porventura, que os desenhos retratassem as representações com mais fidelidade.

Terminada esta coleta e com os desenhos em mãos, partimos para a análise das imagens coletadas e a interpretação dos desenhos, tendo por base teórica no auxílio para a análise em Gemma Penn. Assim os desenhos produzidos, aliados as narrativas obtidas nas entrevistas e as observações realizadas do cotidiano da escola atuaram como uma ferramenta de contribuição no sentido de anular as ambiguidades que podem ser geradas somente pelas imagens<sup>11</sup>.

Dispomo-nos, desse modo, a ponderar sobre as objetivações que são apresentadas nos desenhos. Vale ressaltar que a objetivação, parte do processo para a (re)elaboração das representações sociais, busca imagens concretas para externar a realidade

---

<sup>11</sup> PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 319-342.





representada<sup>12</sup>, oportunizando maior confiabilidade aos nossos resultados aqui apresentados.

**Figura 2 - Desenho da professora Açucena**



Na figura acima, a professora Açucena representa, por meio das imagens, alguns elementos que compõe o cenário caíçara. Penn nos orienta que na interpretação de imagens podemos nos valer dos níveis de significação<sup>13</sup>. O primeiro nível de significação, denominado de primeira ordem, ou denotativo, refere-se exatamente as imagens presentes no desenho, bastando saber apenas seu significado. No caso do desenho da professora Açucena, a presença do barco no mar exige de nós, em primeira ordem de significação, somente um conhecimento do significado do que vem a ser um “barco”. Nesta ordem de significação, o tipo de barco, sua finalidade, seu tamanho, cores, posição no desenho e sua escala não são considerados neste tipo de leitura. Já quando vamos para o nível de segunda ordem, isso muda, já que, ao identificamos o barco no desenho, trazemos para a interpretação e análise, conhecimentos além daquele identificado na primeira ordem. Esses conhecimentos são ancorados no repertório cultural e nas experiências adquiridas por quem as interpreta, com o objetivo de buscar as representações simbólicas na composição das imagens pelos elementos escolhidos. Por este motivo que nossas

<sup>12</sup> SPINK, Mary Jane P.. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial.** *Cad. Saúde Pública* [online]. 1993, vol.9, n.3, pp.300-308. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>.

<sup>13</sup> PENN, Gemma. Semiotic analysis of still images. **Qualitative researching with text, image and sound**, p. 227-245, 2000.

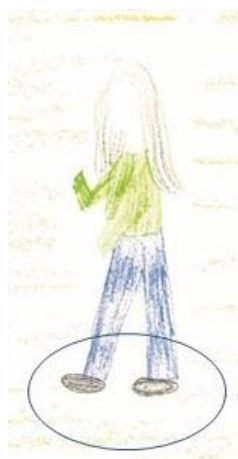


entrevistas e observações de campo realizadas na escola e na Vila de Pescadores são consideradas nesta etapa da pesquisa.

Voltando a figura 2, podemos identificar no desenho a presença de diversos elementos que compõe a paisagem caiçara. Começamos pelo território caiçara representado pelo mar, praia e pássaros, evidenciando, decerto, as belezas naturais do lugar e a relevância do território para os caiçaras, de acordo com sua fala e o modelo figurativo:

A minha paixão é o mar. Eu falei “gente não acredito que tem escola aqui de frente para o mar, na divisa com Paraty, é a escola que eu acho que eu quero, se tiver lá, é a escola que eu vou escolher pela localização, por tá num lugar lindo, né”, até então não conhecia a clientela ainda, mas já me apaixonei pela paisagem, pelo visual, pela proximidade com a cidade que eu moro.

Neste território caiçara, ela desenhou parte das marcas identitárias do uso do meio pelos nativos, como o barco traineira (falaremos mais sobre este tipo de embarcação mais a frente) utilizado para a pesca em maior quantidade.



Ao se desenhar, a professora Açucena se apresenta vestida com calça comprida, camisa longa e sapatos na areia da praia. Normalmente, não nos vestiríamos assim na praia, porém a professora, talvez, buscou frisar que aquele lugar para ela, é lugar de trabalho e não, à priori, de lazer. Suas roupas também podem evidenciar sua identidade profissional, já que as professoras não vão lecionar vestindo roupa comumente utilizadas na praia, mostrando assim como gosta de ser reconhecida pelos seus alunos. Ao se diferenciar dos seus alunos por meio das vestimentas, ela estabelece uma relação de poder sobre o outro ao exercer sua autoridade como docente. A vestimenta, neste caso, pode representar também a fronteira simbólica entre ela, professora, pertencente a outra comunidade, localizada no centro urbano, e seus alunos caiçaras da Vila de Pescadores, comunidade tradicional caiçara. Isso fortalece a alteridade, já que, diferenciando, a professora estabelece as marcas identitárias dela e de seus alunos. Já ao desenhar seus alunos caiçaras, os mesmos aparecem vestidos com camisetas, bermudas, no caso dos meninos, e saia curta, para a menina. Reparamos também que os alunos caiçaras estão descalços, com os pés no chão. Há maior familiaridade dos alunos caiçaras com o território. Ali é o lugar deles estejam na escola ou não. O fato de estarem sem calçados, foi narrado na entrevista pela professora Juçara, como mostramos anteriormente.





de pescadores e comungar com a natureza local e ao modo de vida simples de seu grupo social.

Ainda no mesmo desenho, a professora mostra a escola distante dela e dos alunos. Ao considerarmos o espaço físico em que a escola está localizada na Vila de Pescadores, a mesma poderia estar mais próxima a ela e aos alunos, enquanto o barco traineira poderia estar onde foi desenhada a escola. Isso porque ao chegar a Vila de Pescadores, a escola está localizada logo na entrada. O local onde ficam os barcos de pesca e canoas está localizado no fim da praia. Observamos também que, embora tenha desenhado uma placa em frente ao que seria a escola, a mesma está sem identificação. Possivelmente, a ausência do nome da escola na placa pode nos mostrar que falta a identidade para este lugar, no caso, a escola. Quem sabe, por isso ela e seus alunos estão na praia e não dentro ou próximo ao prédio escolar. Sugerimos aqui uma fala da professora que chama a atenção sobre como ela representa a escola.



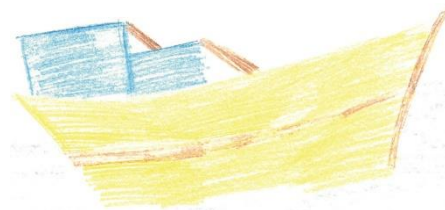
ah, a gente trabalha numa vila caiçara, é tranquilo, as crianças são disciplinadas”, mas aí a gente vê que na realidade quando você chega aqui, você se depara com salas multisseriadas, a gente se depara com distanciamento da Secretaria da Educação, a gente vê situações em sala de aula que fogem a nossa competência, apesar da gente estar nesse lugar assim que é maravilhoso.

Fica mais claro, que para a professora Açucena, embora o território caiçara seja “maravilhoso”, a escola apresenta alguns entraves para o seu exercício profissional. Ela criticou a organização das turmas e do “distanciamento”, até aquele momento, da Secretaria Municipal de Educação do município de Ubatuba, sendo, porventura, esses os motivos da escola estar distante dela e dos alunos no desenho. No ponto de vista dela, representado no desenho, a escola está distante! Se esta hipótese estiver de acordo, isso a conduz, com seus alunos caiçaras, à areia da praia de modo que ela possa se sentir mais próxima da comunidade caiçara e de seus saberes, afinal seus alunos e o território estão



presentes diariamente em suas atividades profissionais cotidianas. Estando à beira-mar com os seus alunos caiçaras, sente-se valorizando os saberes da prática da população local.

Esta valorização da cultura caiçara foi representada também pela presença do barco no desenho. Há uma intenção da professora ao escolher esse objeto para compor seu desenho. Ao considerarmos novamente o modelo figurativo apresentado na Figura 1, as docentes representam o aluno caiçara por meio das palavras “mar” e “pesca”, entre outras. Tamanha a força das atividades



pesqueiras para ela, que o barco está em escala maior do que todos os outros elementos trazidos ao desenho. A presença do barco é, porventura, reconhecer o impacto social da pesca como elemento identitário da vida caiçara. É essencial aqui destacar que a maioria dos pescadores da vila têm embarcações de pequeno porte. Os antigos pescadores-lavradores foram incorporando a suas atividades pesqueiras novas ferramentas e instrumentos que propiciaram melhores condições para a pesca, como o motor nos canoas e pequenos barcos, além de novas técnicas de pesca, como o cerco flutuante, trazido pelos japoneses na década de 1940 e utilizado até os dias atuais<sup>14</sup>. Claro que ao pescar com canoas e outras técnicas simples de pesca, prática conhecida como pesca artesanal, a produção é menor do que pescar com barcos médios e/ou grandes, logo isso interfere no retorno financeiro dos pescadores, bem como o tipo de pescado capturado. Ao mesmo tempo, os barcos médios/grandes são caros e necessitam de outros marinheiros para saírem à alto mar. É comum encontrar pescadores artesanais que prestam serviços aos donos dos barcos maiores nas saídas em busca de pescado. Esses pescadores chegam a passar, como foi narrado pela professora Açucena em conversa com as mães dos alunos, um período considerável embarcado, enfrentando todas as peripécias do tempo, clima e marés. Ela nos contou que “as mulheres falam: “olha meu marido fica 15 dias”, esse distanciamento da família por um período de 15 dias, podendo enfrentar tempestades, não é garantia para que “eles tenham uma boa pescaria.”.

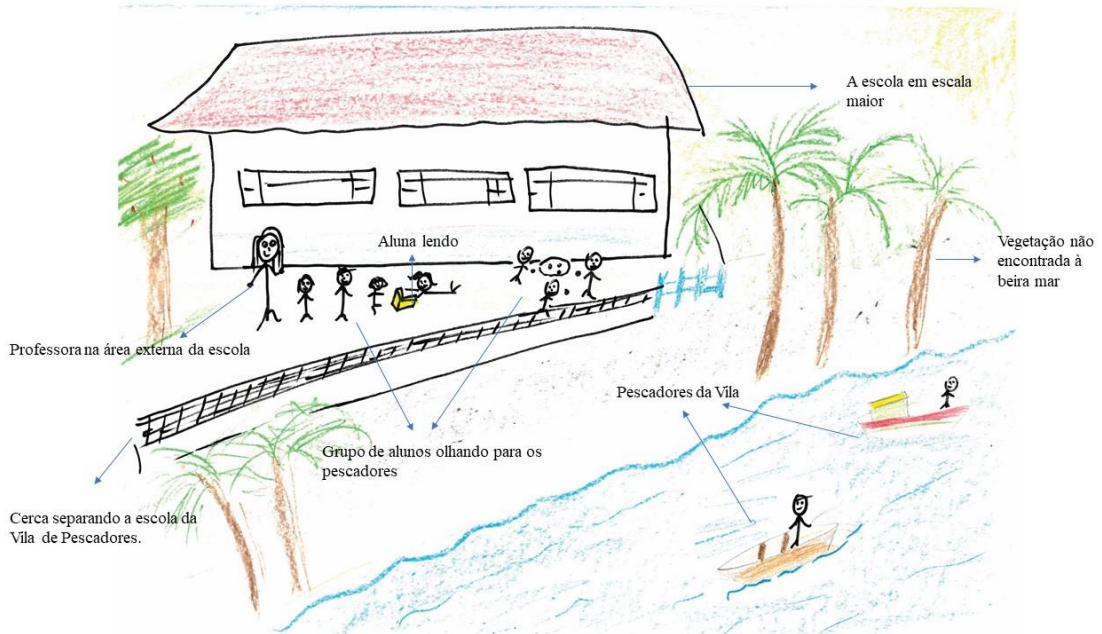
Os alunos da vila, em sua maioria, são filhos de pescadores artesanais e pequenos agricultores. A grande parte desses alunos, filhos de pescadores, têm como aspiração ser dono do próprio barco, já que este tipo de embarcação como a do desenho tem um custo muito alto, sendo sinônimo de conquista pessoal. Assim, ter o próprio barco representaria

<sup>14</sup> DIEGUES, Antônio C. **A Pesca em Ubatuba – estudo sócio econômico**. São Paulo: SUDELPA, 1974.

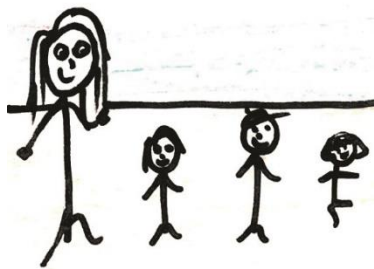


uma relação de poder para os moradores da vila, pois aumentaria sua produção, não mais com ênfase apenas no próprio consumo, mas sim vendendo o excedente, tendo uma atividade econômica mais rentável e lucrativa.

**Figura 3 - Desenho da professora Juçara**

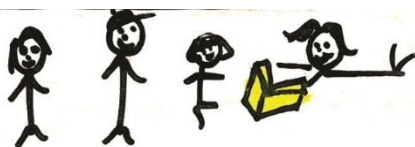
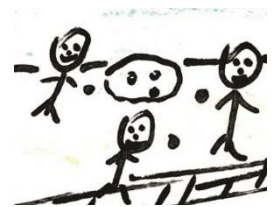


A Figura 3, foi elaborada pela professora Juçara, seguindo as mesmas orientações dadas a todas. Nesta imagem podemos identificar a presença dela mesma e de seus alunos caiçaras no espaço externo da escola, a praia e os pescadores. Ela, professora, e parte dos



alunos caiçaras estão com seus olhares voltados para a praia e, possivelmente, para os pescadores em seus barcos. Pode-se identificar até mesmo sorrisos nos rostos deles. Somos capazes de arriscar que o cotidiano dos pescadores e as belezas naturais do território agradam o grupo que observa. Ao levarmos em conta o que a

mesma docente nos relatou na entrevista, seus alunos gostam de contar as histórias que ouvem em casa dos pais e amigos. É comum que um aluno caiçara chegue com algum “causo novo” na sala de aula sobre os acontecimentos diários da comunidade. Histórias sobre o mar e a pesca são corriqueiros



na sala de aula. Ela lembrou na entrevista, das conversas que tem com seus alunos, e que é comum eles falarem sobre “a lua, falam sobre as coisas que eles vão aprendendo sobre a pesca, sobre fazer a canoa.”



Na imagem, um grupo de alunos para a brincadeira e passa a admirar os pescadores e seus barcos. Eventualmente, a frequência deste tipo de diálogo em sala de aula, simbolize para a professora a alegria em olhar, ouvir, compartilhar aquilo que se aprende com os mais velhos. Essa prática, comum nas comunidades tradicionais, garantiu e garante que os costumes, modo de vida e saberes do fazer permaneçam vivos no grupo. Todavia, há uma aluna (o sexo é definido aqui pela presença dos cabelos longos, como o da professora) que está lendo um livro. Ela, a aluna, não parece tão curiosa com os pescadores, quanto a professora e os outros alunos. Talvez a docente quis nos mostrar que, conhecendo a organização social da comunidade tradicional caiçara, onde no cotidiano dos pescadores, a figura masculina impera na realização das atividades pesqueiras. Os cuidados com as redes de pesca, com o barco, com a força das marés ficam à cargo dos homens, enquanto às mulheres cabem os cuidados com a casa e os filhos, bem como com o artesanato. Essa ordem social da comunidade caiçara remonta ao colono português, como Adams afirma que “a autoridade paterna, revestida de austeridade, o recato da mulher e sua pequena autonomia e a importância atribuída ao compadrio”<sup>15</sup> demarcam as relações entre homens e mulheres caiçaras. Também Denadai e col. fortalece essa peculiaridade das comunidades caiçaras no que se refere ao rigorismo em dividir os papéis entre homens e mulheres, para os autores, a pesca é papel dos homens, “difícilmente a mulher vai para o mar e chega mesmo a temê-lo.” Comparada as falas das professoras entrevistadas quando se fala de caiçara, rapidamente, remontam a figura masculina, já que, para elas, o termo caiçara estaria relacionado à pesca. A professora Bromélia conta que “muitas meninas, são casadas com gringos, com estrangeiros, que ficam deslumbradas e eles também com elas, quando chegam.”. Esse interesse das meninas pode estar relacionado ao encantamento com o “de fora”, argumento bastante tratado pelas professoras na entrevista. Para elas, muito da cultura tradicional caiçara vem se perdendo pelo interesse dos caiçaras, tantos homens como mulheres, pelo que vem “de fora”. Como a Vila de Pescadores também sobrevive do turismo, as crianças, meninos e meninas, e os adultos têm nos turistas uma outra fonte de renda complementar, fazendo passeios de barco para as ilhas próximas. Sabemos que viver na Vila, depender da pesca ou do turismo sazonal não é fácil. Essa dificuldade pode ser compreendida pela ausência de acesso a bens e serviços básicos, como escola que atenda outros níveis de ensino (Fundamental II e Médio), posto de saúde, transporte frequente, supermercado, banco etc.

---

<sup>15</sup> ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia, São Paulo, USP**, v. 43, n. 1, 2000.



Viver na Vila de Pescadores na sociedade contemporânea é uma tarefa árdua. O que a praia e o mar oferecia aos antepassados era o suficiente para sobreviver nessas regiões. Com o desenvolvimento da região litorânea e, em especial, a chegada da estrada, o turismo cresceu e os “de fora” apresentaram aos nativos o que era desconhecido dos caiçaras. Depender da pesca e da agricultura de subsistência não mais satisfaz por completo as necessidades do povo caiçara. Embora estejam privilegiados pelas belezas naturais e pela tranquilidade, a falta do acesso aos bens já citados pesa nas escolhas futuras.

Outro elemento que nos chamou a atenção no desenho é a presença da cerca separando a escola da Vila de Pescadores. O fato da professora e seus alunos estarem fora da sala de aula representaria a necessidade e a busca por incluir os saberes sociais dos caiçaras no currículo escolar, no entanto, ainda há uma barreira entre os saberes da escola e os saberes dos caiçaras. Essa imagem, decerto, nos convida a refletir que por mais que a professora busque incluir os saberes caiçaras em seu fazer pedagógico, há ainda uma cerca simbólica que segrega o cotidiano da escola do cotidiano da Vila de Pescadores e todos os seus saberes.

**Figura 04 - Desenho da professora Bromélia**



A Figura 4 foi construída pela professora Bromélia, nela encontramos a escola, a vegetação nativa, algumas casas, uma cruz sobre uma das construções, podendo se referir a uma igreja, algumas pessoas sem rostos, quem sabe, ela mesma e seus alunos caiçaras,



valendo-nos das diferentes estaturas e a presença de embarcações como a canoa caiçara e um barco de maior porte, aproximando, pela forma, de um barco traineira.

Ao desenhar a escola, a professora fez, conhecendo o prédio escolar, as portas voltadas para o mar e, acima delas, as janelas. No entanto, como observamos durante nosso tempo na escola, as portas ficam voltadas para um pátio no interior, ficando as janelas posicionadas de frente para o mar. Ao que parece, mudar a posição das portas, significaria representar que a escola, ou mesmo ela, estaria aberta para um possível diálogo com a comunidade caiçara e todo seu repertório cultural, como nas próprias palavras dela: “essa escola aqui, a comunidade tem as portas abertas, todos os projetos que eu vejo aqui na escola, a comunidade tá inserida.”

Quando nos voltamos para a presença das árvores, trazendo para o desenho a abundância da vegetação nativa e as casas diferenciadas pelas cores das portas e janelas, ousamos dizer que, supostamente, ela representou a diversidade de seus alunos quanto os seus locais de moradia. Durante a entrevista, a docente nos contou que, entre seus alunos, nem todos são moradores da Vila de Pescadores. Uma parte deles moraria no “sertão”, como é chamado o território fora da beira da praia e que já nos referimos nesse artigo.

Mesmo sendo uma escola pequena, eu acho que aqui tem em torno de 90 alunos, manhã e tarde, tenho vinte alunos na minha sala e a gente vê realidades diferentes. Tem alunos que moram no sertão da Cabeçuda, eu ainda não tive a oportunidade de conhecer, mas quero muito. Eles têm uma vida diferente dos alunos que estudam também nessa escola, na mesma sala e que vivem aqui na comunidade, aqui na Vila e são vivências particulares, diferentes modos de vida, leitura de mundo diferente e isso me encanta muito, muito.

Aparentemente, tenha sido esse o motivo pelo qual as árvores estão em diferentes posições, como acima da escola, nos mostrando a amplitude do lugar e que nem todos vivem à beira-mar ou são pescadores. Ao desenhar as portas coloridas, ao que parece, a professora nos remete a diversidade de costumes presentes entre este grupo social. Arriscamos ainda supor que a ausência de rostos e traços simples para compor os corpos, dos que considerarmos ser ela e seus alunos, seja para não impor uma única representação dos seus alunos, deixando que suas “vivências” as identifique enquanto sujeitos.

Ainda no mesmo desenho, encontramos a presença das canoas caiçaras. A canoa



caiçara foi um dos principais meios de transporte e de sobrevivência do pescador, já que, estando à beira-mar e sem estradas, a canoa permitia a locomoção entre as praias vizinhas e o centro da cidade, tal como possibilitar a pesca





além da praia. Na narrativa da professora Bromélia sobre a identidade caiçara, ela buscou em sua memória afetiva, uma maneira de se expressar.

Caiçara é quem vive perto do mar, é pesca, é quem aprecia, cultiva a sua a cultura que é passada de pai para filho, é também quem trabalha na roça, que planta, que consome. É o que gosta do mar e que vive, nasceu ali, próximo ao mar, e que cultiva tudo isso. Meu avô é pescador.

As representações sociais também se valem do afeto para tomarem forma<sup>16</sup>. No caso da professora, ao lembrar do caiçara, ela ancora esse sujeito em seu avó e, conseqüentemente, nas histórias ouvidas dele. Por isso, possivelmente, ela tenha dito na entrevista que a cultura caiçara é passada de pai para filho, além, é claro, de conhecer que a oralidade foi e é a principal ferramenta de transmissão dos saberes caiçaras. Sendo assim, a canoa, presente na narrativa e no desenho, realçaria, mesmo que de maneira subjetiva, sua ligação com o caiçara.

Esse tipo de canoa é construída a partir de um único tronco de árvore, sendo de maior uso para feitiço, a madeira do guapuruvu, seguida pelas madeiras da ingá, cedro ou timbuíba, chegando a medir mais de quatro metros e pintura colorida, algumas até com nomes grafados na lateral. Há um grande valor simbólico e identitário para as famílias dos pescadores, além de um respeito pelo seu construtor que é chamado de Mestre. A canoa caiçara encanta aos turistas com sua forma, tamanho e cores vibrantes, visto que é comum encontrá-las em vários tamanhos menores como artesanato para venda aos turistas. O mestre canoeiro conhece todo o processo de feitiço, desde a escolha da melhor madeira, as técnicas de derrubada da árvore, cortes e medidas e seu valor estético nas escolhas das cores que serão usadas na pintura da canoa. As embarcações ao receberem nomes, por vezes, homenageiam o mestre canoeiro, ou o dono da canoa, ou um membro de sua família. Ao batizar sua canoa, ela assume um papel importante dentro do núcleo familiar caiçara. Historicamente, esse tipo embarcação artesanal imperou entre os pescadores da região litorânea onde se localiza a Vila, lócus dessa pesquisa, até meados de 1945, quando começaram a chegar às comunidades praieiras os primeiros motores para barcos. Assim se iniciou o processo de comercialização dos pescados, já que, no mesmo ano foi construído o mercado de peixes no município e, em 1948, a construção da rodovia estadual ligando as comunidades isoladas à capital do Estado. Os peixes que antes eram salgados para serem vendidos, e ainda podem ser encontrados em algumas casas de

---

<sup>16</sup> SPINK, Mary Jane P. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial.** *Cad. Saúde Pública* [online]. 1993, vol.9, n.3, pp.300-308. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>.



caiçaras, era a única forma de conservar a pesca, passava a ter um local para conserva refrigerada, venda e distribuição do excedente. Mesmo nos dias atuais, a canoa caiçara ainda é usada para a pesca artesanal, para se locomover entre as praias vizinhas ou para dar acesso ao barco ancorado mais distante da praia. Durante nossas observações, caminhando na orla da praia, nos deparamos com os ranchos construídos na areia e, embaixo dele, claro, as redes e canoas caiçaras que guardam não só os apetrechos da pesca, como grande parte das histórias dos caiçaras. É comum encontrar os nativos embaixo dos ranchos conversando e se escondendo do sol ou da chuva.

**Figura 05 - Rancho Caiçara**



Fonte: autoria própria

Anualmente, a Vila realiza uma festa tradicional caiçara e, entre as atrações, a corrida de canoa é uma das atividades mais esperadas pelos nativos e turistas. Na Vila de Pescadores de Picinguaba, acompanhamos a festa e a corrida de canoas, todos e todas puderam competir, cada um, em uma modalidade: homens, mulheres e crianças. Logo pela manhã, toda a comunidade e turistas se reúnem na beira da praia, as canoas enfileiradas para a competição e, nesse encontro, pode-se ouvir um pouco das histórias de pescadores sobre suas embarcações. As crianças, atentas, olham para o mar, pegam os remos, empurram a canoa para a água e, ansiosos, aguardam o início da corrida. Há marcações com boias no mar para o trajeto que será percorrido pelos caiçaras. Esta prática tem sido recorrente nas cidades litorâneas da região, de tal forma, que a prática já está no calendário das atividades oficiais dos municípios do litoral norte de São Paulo, com isso, preserva-se um pouco da memória e costumes dos nativos, bem como sua expressão de patrimônio cultural material e imaterial dessa população.



### Figura 06 – Corrida de canoa caiçara



Fonte: autoria própria

Em 2012, uma associação de pescadores registrou no IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o pedido intitulado “Processos e Práticas Culturais Referentes à Canoa Caiçara” que visa reconhecer o feitio da canoa caiçara como patrimônio tombado de sua cultura. O processo está em andamento e pode ser consultado no site do IPHAN.

Voltando ao desenho da professora Bromélia, ressaltamos também que as árvores atraíram nossos olhares, uma vez que, assim como as canoas, são coloridas. Vale salientar que a Vila de Pescadores de Picinguaba está localizada no Parque Estadual da Serra do Mar, a vegetação nativa é encontrada por toda a extensão da comunidade caiçara. No entanto, o fato dessa comunidade estar em uma Unidade de Conservação (UC) tem gerado muitas críticas por diversos pesquisadores e organizações caiçaras. A proteção integral defendida pelas UC entra em conflito direto com os costumes e práticas das comunidades tradicionais. A derrubada da árvore para fazer a canoa, a retirada do palmito juçara para consumo ou a criação de roças para a agricultura familiar têm motivado tensões entre o Estado e o caiçara. De um lado os chamados territórios sobrepostos (comunidades tradicionais) que por toda sua existência fez uso da terra e dos recursos naturais de forma sustentável e de outro as Unidades de Conservação (área de proteção estadual) que alegam proteger a biodiversidade, desde que não exista o homem nesses territórios. A professora, ao trazer no seu desenho a vegetação, poderia estar apresentando para nós, que é possível existir o equilíbrio entre o caiçara, seus saberes, costumes e tradições e a preservação sustentável do território que ocupam. E é nas narrativas das professoras que ouvimos traços que comprovariam a possibilidade real de estabelecer laços entre o homem e a natureza: “eles aprendem né, a pesca, aprendem a fazer a rede, aprendem milhares de



coisas sobre a natureza, sobre o mar, que eles aprendem em casa, com os pais, com família.”<sup>17</sup>.

Como visto, para as entrevistadas, o repertório de saberes tradicionais está intimamente relacionado ao uso consciente dos recursos naturais e as atividades pesqueiras. A observação e a experimentação foram as habilidades desenvolvidas pelas populações tradicionais e que compõem o acúmulo de saberes desses povos sobre o meio que ocupam<sup>18</sup>. Esse conjunto de saber-fazer, transmitido oralmente entre os habitantes nativos, permanece presente até hoje na Vila de Pescadores. Por isso, não há como as professoras representarem seu aluno caiçara sem evidenciar a importância dos modos de vida, costumes e saberes, “...tem fases do ano que ele é pescador e outra que ele não pode ser porque tem que respeitar a questão do defeso, agora pode pescar e agora não pode pescar e aí a gente vê muitos pescadores na beira da praia, às vezes, costurando a rede.”<sup>19</sup>.

Relatos como esse vem de encontro à etno-biodiversidade<sup>20</sup> onde os humanos e a natureza convivem de forma harmoniosa, respeitando seus tempos e espaços em prol do bem comum da comunidade tradicional caiçara.

Assim, a presença das canoas e da vegetação no desenho da professora Bromélia reflete a inter-relação homem-ambiente, seu valor de uso material e seu valor simbólico na preservação do povo caiçara, de sua identidade e do seu território de pertença.

...a criança que mora no centro, mesmo estando nessa idade as daqui são mais puras, são mais, eu acho, que são mais ingênuas. Por exemplo, uma criança esses dias chegou triste, eu fui perguntar por que que tu tá triste: “ah, pro, é que o gavião comeu meu pintinho.” Então achei isso de uma riqueza tão grande que você não vê numa criança que mora no centro, né.

Martins denuncia que o capital é um dos responsáveis pelo desenraizamento dos sujeitos, posto que, em uma sociedade capitalista, tudo precisa estar subordinado ao mercado. Essa lógica capitalista forçaria as populações tradicionais – no caso do texto do autor citado, os camponeses da Europa, porém cabe perfeitamente aos nossos caiçaras – a abandonarem seu modo de vida simples de subsistência em troca de trabalho assalariado

---

<sup>17</sup> Professora Jussara.

<sup>18</sup> DIEGUES, Antônio C. (Org.); ARRUDA, Rinaldo S. V.; SILVA, Viviane C. F.; FIGOLS, Francisca A. B.; ANDRADE, Daniela. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2000.

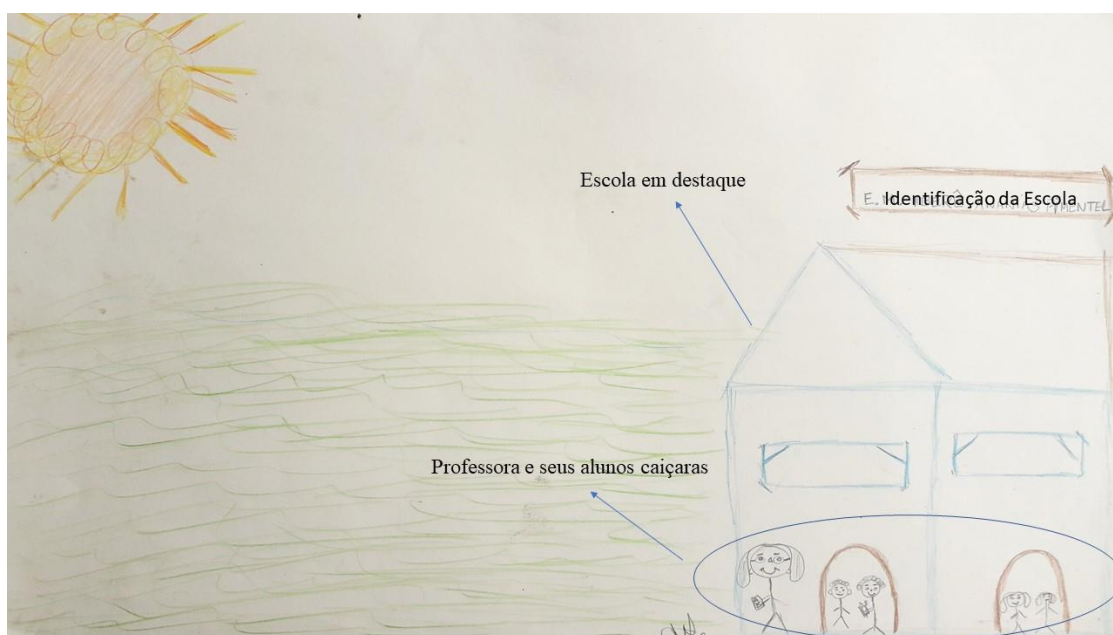
<sup>19</sup> Professora Açucena.

<sup>20</sup> DIEGUES, Antônio C. (Org.); ARRUDA, Rinaldo S. V.; SILVA, Viviane C. F.; FIGOLS, Francisca A. B.; ANDRADE, Daniela. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2000.

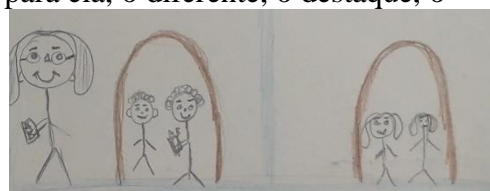


à serviço do capital. Percebemos assim, o risco de pensar as comunidades tradicionais como potenciais ameaçadores do mercado e devem, por isso, serem desprovidos de características singulares e de subsistência, moldando-se ao ideal pré-determinado por uma sociedade capitalista excludente que visa incluir o diferente nos padrões previamente estabelecidos. Essa preocupação é encontrada na fala da professora Bromélia ao representar seu aluno caiçara: “eu acho que ele tem que aprender a dizer não e aprender a gostar e valorizar o que ele é e quem ele é. Para eles quem mora na cidade grande é interessante, é melhor, tem a vida é mais fácil, ganha mais dinheiro.”

**Figura 07 – Desenho da professora Orquídea**



Nossa próxima análise diz respeito ao desenho da professora Orquídea. É importante ressaltar que a professora Orquídea é a única entre as entrevistadas que é moradora da Vila de Pescadores, por isso, porventura, a ausência de elementos ligados à vegetação, praia, canoas e barcos, como nos desenhos anteriores, visto que, para ela, possa ser algo muito comum para ser tratado. Pode ser que, para ela, o diferente, o destaque, o que deva ser evidenciado na comunidade caiçara seja a escola. Tanto no desenho, como na entrevista, ela representa a escola e o papel social para a comunidade, já que distante do centro urbano, a presença da escola na Vila de Pescadores garante o direito à escola previsto em lei para as crianças moradoras da Vila e nos arredores. Destacamos aqui os sorrisos nos rostos



tanto da professora como de seus alunos, possivelmente seja um sinal de satisfação pela presença do espaço escolar na comunidade. Atentamos também que de todos os desenhos feitos pelas docentes, esse é o único em que os alunos e alunas estão dentro da escola, pela presença do arco, representando a porta da sala de aula. Em sua entrevista, a docente insistiu em ponderar sobre as vantagens que a escolarização trouxe e traz às crianças caiçaras. Para ela, seus alunos caiçaras precisam “aprender o que está inserido no meio, conviver e aprender também outras coisas fora do meio dele, porque vai agregando outros saberes.”. Sobre isso, Jovchelovitch<sup>21</sup> nos ensina que os saberes comuns estão incorporados nas ações entre os sujeitos pertencentes a mesma comunidade, “como algo já dado, como um conjunto de sentidos e recursos já ali existente.”

Assim, a escola seria, no entendimento da professora, um espaço privilegiado para a aquisição de novos saberes não aprendidos à beira-mar, na convivência com seus familiares e amigos. Os saberes edificados na comunidade tradicional caiçara, preenchidos de significados e representações, estabelecem os limites das relações sociais no interior da comunidade e, portanto, a presença da escola na comunidade caiçara levaria, para esse grupo social, novos saberes, dessa vez descritos em seu currículo oficial e no fazer profissional das professoras. Este diálogo entre os saberes do fazer caiçara com os saberes da escola, convivendo no mesmo espaço, reafirma que não há, como ressalta Paulo Freire “saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”<sup>22</sup>, e é na diferença entre o que se aprende na praia e o que se aprende na escola que pontes simbólicas são construídas entre o que acontece dentro e fora da comunidade, tornando a escola um ambiente de reflexão e de (re)produção de novos saberes e representações. O acesso dos alunos caiçaras as mais variadas fontes de conhecimento oportunizam que, dotados destes saberes, possam participar ativamente dos conflitos que enfrentam com a presença da Unidade de Conservação (U.C.) em seu território, na medida em que a U.C inibe algumas práticas tradicionais de subsistência desse grupo. Nas observações e conversas com moradores locais e representantes de associações como a dos pescadores, a ocupação do território pelos caiçaras se dá por uma fiscalização excessiva por parte da Unidade de Conservação, levando algumas famílias caiçaras a abandonarem suas casas e seu território de pertença se mudando para o centro urbano, como pode ser visto no texto de Mauro

---

<sup>21</sup> JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Trad. Pedrinho Guareshi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

<sup>22</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição.



Barbosa de Almeida e Roberto Sanches Rezende, do Departamento de Antropologia da UNICAMP.

Como tratamos aqui, as agressões sofridas pelas comunidades tradicionais caiçaras pelas Unidades de Conservação exigem cada vez mais que os caiçaras se apoderem dos seus modos de vida, sua cultura e saberes, como também estejam aptos a defender seus direitos, sendo o acesso às mais diferentes aprendizagens e conhecimentos uma das ferramentas que o instrumentaliza para o exercício da cidadania<sup>23</sup> e, assim, garanta seu território e tudo o que ele representa.

**Figura 08 – Desenho da Professora Helicônia**



Prosseguindo, deparamo-nos com o desenho da professora Helicônia. Entre todas as ilustrações, essa apresenta um maior número de elementos que a constitui. A professora apresenta uma série de objetos diversos, como livro, lápis, computador, avião, barco, peixes, televisão, esteira de taboa, vassoura de cipó formando um círculo em torno de si mesma e seus alunos caiçaras, que por sua vez, formam outro círculo em torno do globo terrestre e no centro a escola e a Vila de Pescadores. Durante a entrevista, a docente se apresenta preocupada com o possível abandono da cultura caiçara pela, como ela se referiu, “contaminação do de fora”. Tal preocupação é encontrada nas falas das outras professoras e de alguns moradores nativos da Vila que conhecemos durante nossas observações de campo. Para eles, as fronteiras simbólicas da comunidade caiçara encontram-se ameaçadas pelo avanço desenfreado do turismo que explora não só as

<sup>23</sup> Nóvoa, António. **Professores** - Imagens do futuro Presente. Lisboa: Educa, 2009.



belezas naturais, como descaracteriza as peculiaridades do povo caiçara e pela excessiva fiscalização da Unidade de Conservação. Diegues aponta que por volta de 1980 iniciou um processo de defesa das comunidades tradicionais caiçaras com a formação de associações, organizações não-governamentais e institutos de pesquisa com o objetivo de garantir às populações caiçaras o direito de continuar morando e vivendo nas praias localizadas nas Unidades de Conservação<sup>24</sup>. Com a proibição de parte das atividades de subsistência dos caiçaras, estes foram forçados a buscar fora da Vila de Pescadores uma fonte de renda. Muitas vezes, lançados à sorte, abandonam as regiões de origem em busca de trabalho nos centros urbanos. Sem experiência e/ou formação, submetem-se a trabalhos braçais e recebem pouco por isso, enfrentando dificuldades que antes não conheciam. Os caiçaras que resistem e permanecem em seu territórios, necessitam conseguir dinheiro para sobreviverem, uma vez que, são impedidos de praticar as atividades que outrora os mantinha. Conseqüentemente, a exploração turística como passeio de barcos para as ilhas próximas se tornou uma atividade rentável e os incluiu precariamente na sociedade de consumo (Martins, 1938). Durante a temporada de verão, observa-se vários barcos ancorados na praia aguardando os turistas para visitarem a Ilha.

Outra preocupação da professora Helicônia seria o papel da escola não só preservação da cultura caiçara, mas como um ambiente propiciador de aprendizagens:

eu acho que ficar só no resgate cultural não vai ser suficiente, então ele tem que ter esse conhecimento acumulado culturalmente, tem que abrir horizontes para outras coisas, não sair do que eles têm, conhecer o que eles têm, valorizar o que eles têm, porque é a nossa alma que tá ali, mas ele tem que ter abertura para outros espaços, não se fechar nisso.

Percebe-se essa crença da professora ao analisar seu desenho. Quando ela afirma mesclar diferentes elementos provenientes de fontes diferentes, ela torna possível a convivência saudável do que há na Vila de Pescadores e o que vem de fora, visto que “o estar junto não é algo que está lá a priori, ou que emerge já pronto na vida social.”<sup>25</sup>, mas sim construído no interior das relações sociais existentes no contexto. No desenho da docente, identificamos a



<sup>24</sup> DIEGUES, Antônio C. (Org.); ARRUDA, Rinaldo S. V.; SILVA, Viviane C. F.; FIGOLS, Francisca A. B.; ANDRADE, Daniela. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2000

<sup>25</sup> JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Trad. Pedrinho Guareshi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.





presença da vassoura de cipó, a esteira de taboa, a pesca, o barco que são elementos presentes na comunidade caiçara. Na escola da Vila de Pescadores há um projeto chamado “Tecendo Saberes”, onde o artesanato caiçara é ensinado para as crianças pelos caiçaras mais velhos, moradores da Fazenda da Caixa, território quilombola, próximo à Vila de Pescadores de Picinguaba. Esse projeto foi citado em todas as entrevistas e durante a fala da professora Helicônia. A mesma nos contou que “eles fazem artesanato e conversam com os artesãos sobre como era o tipo de vida”, essa relação acontece dentro da escola, durante o período de aulas e com o acompanhamento das professoras. Talvez essa atividade permita que os saberes da comunidade ocupem os espaços das escolas e facilitem o diálogo entre o currículo oficial e os saberes caiçaras.

No desenho também podemos encontrar as figuras do avião, do computador e da televisão, quem sabe, ela quis nos apresentar os recursos tecnológicos que rompem barreiras físicas e simbólicas e que já estão presentes no cotidiano dos alunos caiçaras, conectando os “de dentro”, nativos caiçaras, e os “de fora”. Ela nos falou ainda que sua “mãe é moradora de costeira e nasceu lá”, isso a possibilitou a conhecer “muito da cultura caiçara, como a construção de artesanato, tipo de comida, tipo de vida que eles tinham, bem simples. Só que já é uma modificação, já não é mais aquele do tempo da minha mãe.”.

Possivelmente, por isso os elementos tecnológicos aparecem no desenho. Da mesma forma, o livro e o lápis, presumivelmente, estejam relacionados à escola e seus saberes, assumindo, mesmo que simbolicamente, a posição de vínculo, elo, ligação com a comunidade tradicional, fortalecendo as marcas identitárias dos caiçaras e possibilitando o diálogo com o Outro, seja este outro, quem quer que seja.

### **Considerações Finais**

Pudemos observar que ser aluno caiçara está muito além de estar matriculado em uma escola na praia. As narrativas e os desenhos nos possibilitaram ouvir e ver como as docentes imprimem suas significações no que se refere ao ser caiçara, a comunidade pesqueira, as ações pedagógicas realizadas diariamente na escola, a relação dos saberes do currículo e dos saberes sociais e os seus alunos.

Nesse ambiente, repleto de particularidades relacionadas ao contexto social em que a escola está inserida, as representações sociais encontram um terreno fértil para sua proliferação. Assim, identificamos que para as professoras, o aluno caiçara é um sujeito com atributos que o diferenciam de outros grupos sociais “de fora” da comunidade



pesqueira. O mar, a pesca, o artesanato, a curiosidade, a linguagem são marcas identitárias dos sujeitos caiçaras, como também compõem o repertório de representações das professoras a respeito de seus alunos.

Evidenciamos também que não é uma tarefa fácil desmoronar as fronteiras dos conhecimentos curriculares para ceder lugar aos saberes do fazer do caiçara. As participantes da pesquisa demonstraram que há manifestações favoráveis para mesclar os saberes da escola e os saberes do cotidiano, no entanto ainda encontram dificuldades para sua real efetivação.

Destacamos também que ao analisar os desenhos das professoras, a escola não ocupa o centro dominante das relações entre escola, docência, alunos e comunidade caiçara. Por outro lado, a presença constante dos elementos da realidade caiçara reforça a resistência que os aspectos da vida caiçara ainda preenchem o imaginário das docentes. Assim, deduzimos que as participantes da pesquisa reconhecem que o contexto caiçara precisa encontrar seu lugar no dia-a-dia da escola, possibilitando estabelecer uma relação de interação entre os saberes, onde os conhecimentos coexistam e não sejam excluídos para privilegiar um ou outro.

Por fim, nosso estudo permitiu compreender que na sociedade contemporânea, onde a força do capital direciona as perspectivas de futuro da sociedade, a comunidade caiçara, mesmo com seus enfrentamentos diários para manter sua forma de vida, já detém a maior de todas as riquezas: o viver bem em comunhão com o território que lhes pertence.

**Data de submissão:** 06/05/2020

**Data de aceite:** 27/07/2020



### Referências Bibliográficas

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 43, n. 1, 2000.

ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

DIEGUES, Antônio C. (Org.); ARRUDA, Rinaldo S. V.; SILVA, Viviane C. F.; FIGOLS, Francisca A. B.; ANDRADE, Daniela. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2000.

DIEGUES, Antônio C. **A Pesca em Ubatuba – estudo sócio econômico**. São Paulo: SUDELPA, 1974.8i3

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Trad. Pedrinho Guareshi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 61-62.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais e investigações em Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

NÓVOA, António. **Professores - Imagens do futuro Presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 319-342.

PENN, Gemma. Semiotic analysis of still images. **Qualitative researching with text, image and sound**, p. 227-245, 2000.

SPINK, Mary Jane P.. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial**. *Cad. Saúde Pública* [online]. 1993, vol.9, n.3, pp.300-308. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>.

